

Virginia Albuquerque Patrocínio Alves

Mestranda em Comunicação e Práticas de Consumo pelo Programa de Pós-graduação da ESPM e membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidade e Consumo (CiCO). E-mail: vipatrocinio@yahoo.com.br. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4357312D3>.

Resenha

**Tensionamentos e reflexões
sobre a prática jornalística
em tempos de convergência e
interatividade**

**Tensions and reflections about
journalistic practice in times of
convergence and interactivity**

**Tensiones y reflexiones sobre
la práctica periodística en
tiempos de convergencia e
interactividad**

Submissão: 23-9-2016
Decisão editorial: 18-11-2016

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; SANTOS, Marli dos (Orgs.). **Fronteiras híbridas do jornalismo**, 1. ed., Curitiba: Appris, 2015, 288p. ISBN 978-85-8192-975-0

As mudanças ocorridas na dinâmica social nos últimos anos, combinadas com os avanços tecnológicos, têm possibilitado uma rearticulação da vida cotidiana. As práticas jornalísticas, também inseridas nesse contexto, têm experimentado alterações, reforçando a sua permanente capacidade de adaptação aos novos formatos e às novas práticas de consumo midiático da audiência. Este é o cenário que norteia as reflexões apresentadas na coletânea *Fronteiras Híbridas do Jornalismo*. Organizada por Ana Carolina Rocha Pessôa Temer e Marli dos Santos e publicada pela editora Appris em 2015, a obra constitui o terceiro volume da série *Jornalismo em Pauta*, elaborada por um grupo de professores do curso de graduação em jornalismo da ESPM em parceria com a editora, que conta ainda com a participação de autores provenientes de outras instituições, interessados em fomentar as discussões em torno da prática jornalística na contemporaneidade.

Ao reunir acadêmicos e profissionais da área, a obra possibilita uma visão holística e factual dos processos de hibridização das narrativas e do fazer

jornalístico na sociedade. As transformações ocorridas nos processos de produção, distribuição e consumo da informação, seja por meio do modelo midiático convencional do jornalismo impresso ou televisual/digital, ou da combinação do mesmo com o entretenimento e a ficção, estão fortemente presentes na obra em questão e nos possibilitam lançar um olhar mais amplo e crítico para o cenário de convergência e interatividade que se delineia. As discussões propostas vão desde a adequação do conteúdo e da forma para a apresentação jornalística em dispositivos eletrônicos (como *tablets*, por exemplo), passando pela relação entre informação e entretenimento, indo até a interface entre a pauta jornalística e os temas abordados pela teleficção que, por sua vez, explora assuntos de interesse público presentes no cotidiano da sociedade, com conteúdo jornalístico, por intermédio do *merchandising* social.

A obra é dividida em três partes, além do preâmbulo, totalizando 16 capítulos. A primeira parte, intitulada "Intersecções do jornalismo com outras esferas", reúne seis autores. Marcos Paulo da Silva trata da questão das interfaces entre o jornalismo e o cotidiano, refletindo acerca da importância da narrativa jornalística a partir de elementos estético-expressivos que constituem a experiência cotidiana. Thaís de Mendonça Jorge problematiza a apresentação de notícias em *tablets*, enfatizando a capacidade de mutação e adaptação do jornalismo aos avanços tecnológicos, utilizando como instrumento de análise a primeira página do site da Folha (portal integrado ao UOL, que forma o Grupo Folha) e o aplicativo para dispositivos móveis *app.folha.com*. Cássio Cavalcante Andrade aborda o jornalismo sob o aspecto jurídico,

discutindo o direito de imprensa, o direito à informação e à liberdade de expressão. Francisco de Assis fala a respeito da relação possível entre o jornalismo e a diversão, questionando o senso comum que entende o jornalismo como uma prática que exige seriedade e formalidade, não havendo espaço para o entretenimento, as emoções e a diversão. Adriana Barsotti fala acerca da imprensa popular na internet, explorando as divergências entre a notícia importante (de interesse público) e a notícia interessante (de interesse do público). A autora discorre sobre o uso do entretenimento como ferramenta para informar, utilizada no conteúdo jornalístico do site do jornal *Extra*. Finalizando a primeira parte do livro, Marcia Perencin Tondato discute as interfaces entre a ficção e a realidade no que tange à aproximação entre as narrativas ficcionais e o conteúdo jornalístico por meio da prática do *merchandising* social, que tem como propósito informar ou conscientizar a audiência da telenovela a respeito de demandas sociais iminentes.

A segunda parte tem como tema os “Processos de hibridização nas narrativas jornalísticas” e reúne seis autores. Marli dos Santos tem como eixo principal de sua explanação a reportagem e sua diversidade de formatos e estilos, indo desde a origem da palavra, passando pelo surgimento e história da reportagem até a sua constituição enquanto gênero jornalístico, que exige um maior aprofundamento e interpretação da realidade. Sob o título “Romance Policial, a gênese narrativa do jornalismo investigativo”, Eduardo Luiz Correia traça um mapa cultural partilhado entre a ficção romanceada e a não ficção jornalística, a fim de encontrar pontos de intersecção entre os modos de contar histórias e/ou relatar fatos, na tenta-

tiva de compreendê-las enquanto narrativas que se hibridizam. Demétrio de Azevedo Soster problematiza o sistema e sua processualidade como constituinte de uma voz narrativa, colocando-se como o quarto narrador do jornalismo, num cenário social midiaticizado. Daniela Bertocchi finaliza a segunda parte trazendo uma reflexão sobre a narrativa no jornalismo digital. A autora questiona o formato notícia como produto final da cadeia de produção jornalística no ambiente do ciberespaço, sugerindo a necessidade de compreender a experiência que o usuário venha a ter com a narrativa digital jornalística em múltiplos canais, numa perspectiva mais ampla.

Por fim, a terceira parte tem como título: "O jornalismo na televisão e seus desdobramentos". Nela Mônica Rodrigues Nunes reflete sobre o conteúdo voltado para a análise e cobertura de artes e cultura na televisão aberta, tendo como *corpus* o programa "Metrópolis", da TV Cultura. Em seguida, José Carlos Marques fala a respeito da cobertura esportiva na televisão brasileira, observando a relação entre informação e entretenimento presente no jornalismo esportivo na atualidade. Valquíria Aparecida Passos Kneipp fala acerca das estratégias de transmidiação do programa "Fantástico", da Rede Globo, considerando as mudanças ocorridas no fluxo de comunicação entre instituições e indivíduos a partir da midiaticização, ou seja, da crescente presença da mídia na sociedade. Já Heidy Vargas Silva, analisa o programa "Profissão Repórter", também da Rede Globo, diante da articulação de três elementos em sua narrativa: o jornalismo investigativo, o documentário e o entretenimento. Iluska Coutinho aborda o lugar do telejornalismo na contemporaneidade, lançando um olhar

sobre as mudanças ocorridas em seu formato no sentido de reconfigurar sua abordagem jornalística, para melhor compreender sua relevância e legitimidade na sociedade. Letícia Renault encerra as discussões em torno das fronteiras híbridas do jornalismo, colocando em pauta o webtelejornalismo, ou seja, a fruição ou, como ela mesma se refere, o transbordamento do telejornalismo para as diversas telas digitais presentes no ambiente convergente do ciberespaço.

Retornando ao preâmbulo, Ana Carolina Temer apresenta os fundamentos e conceitos do jornalismo de uma maneira mais abrangente. Para ela, a prática do jornalismo possibilita que a observação da realidade cotidiana se dissemine em grande escala para um público mais amplo, utilizando majoritariamente aparatos técnicos/tecnológicos. Continuando, por seu caráter essencialmente informativo, o jornalismo tem como princípio comunicar os fatos do cotidiano, em conformidade com os anseios da sociedade por informação, numa dinâmica que envolve a apreensão dos fatos e a devolução à sociedade por meio de uma articulação narrativa específica, ou seja, de um modelo de produção e distribuição adotados pelo jornalismo enquanto produto midiático. Nesse sentido, ele se constitui como um elemento ativo na sociedade, um ator social relevante no processo de interação entre os indivíduos e o ambiente social em questão.

A obra discute, sob diversos ângulos, os desafios da prática jornalística e a necessidade cada vez mais premente de transformações que vão além da “simples” adaptação das práticas à tecnologia digital. Nesse sentido, ela responde, ou até mesmo antecipa-se (se pensarmos em um jornalismo mais reflexivo, crítico), à dinâmica social que se reinventa a cada dia

na contemporaneidade, fortemente marcada pela conectividade e proliferação de opções de canais de comunicação. Recicla-se, portanto, as fronteiras entre o jornalismo e a sociedade, de maneira cada vez mais híbrida e, por vezes, até conflituosa.